

SERTÕES CONTEMPORÂNEOS: IDENTIDADES E POLÍTICAS CULTURAIS NOS SEMIÁRIDOS DOS ANOS 2000¹

(Gislene MOREIRA)²

¹ GT4 – Políticas culturais e economia da cultura

² UNEB – Universidade do Estado da Bahia; gislene.moreira@flacso.edu.mx.

RESUMO (Times New Roman 12, Negrito, alinhado à esquerda, maiúsculo)

As palavras e os territórios não são estáticos. Eles tratam das relações de poder, dos limites e dos sentidos construídos historicamente pelos homens e mulheres que com eles se relacionam. No século XXI, o sertão virou semiárido – e a mudança no termo não foi aleatória. Ela indica transformações na região fixada no “de-sertão” ou na “zona das secas”, que nos anos 2000 se destacou como um “semiárido” efervescente de inovações políticas, econômicas e sociais, deixando para trás a imagem de uma região sistematicamente vinculada à miséria e ao atraso, para revelar um novo território, de possibilidades e rupturas.

Este artigo se dedica a entender as transformações culturais provocadas pelo avanço acelerado do capitalismo nas periferias do consumo, abordando as políticas culturais construídas pelas gestões de esquerda nos anos 2000, com foco no interior semiárido da Bahia. Desde a Economia Política da Comunicação e da Cultura, este trabalho aborda os impactos destas novas arquiteturas institucionais, as novas produções culturais geradas e seus impactos identitários.

Em particular, se dedica a situar o sertão no novo milênio com destaque às profundas alterações provocadas pelas inovações da virada política de esquerda no país (2003-2016). O texto aborda os impactos socioculturais dos governos de Lula e Dilma, e seus desdobramentos no Nordeste e no interior sertanejo. A ênfase são as políticas de comunicação e cultura, os discursos alternativos e os imaginários emergentes das supostas rupturas com os modelos hegemônicos. Ele é resultado de mais de 15 anos de investigação independente, que analisou os textos, os processos de construção e os produtos gerados pelas políticas de cultura no interior da Bahia.

Em síntese pode-se afirmar que todas essas alterações estão afetando e transformando as paisagens, os homens e as mulheres sertanejas de maneira radical. As inovações econômicas, políticas e culturais modificaram cenários e identidades secularmente construídos, como as figuras do vaqueiro, das rezadeiras e do cangaceiro. Até mesmo as mais isoladas comunidades rurais nordestinas, ainda que por trás de uma aparente calma, são hoje espaços em ebulição, complexos e contraditórios, que vivenciam reacomodações, conflitos e mudanças aceleradas pela mundialização do capital. Nesses cenários, faz-se necessário aguçar o olhar para perceber outros ângulos e formas de re-existência. Entre passado/futuro, tradição/modernidade, presenças/ausências, sujeito/estrutura emergem novos sertões polissêmicos e plurais. Neles, ora ressuscitam o boi e o

sertão guardião das tradições dos antigos sertões boiadeiros, iniciados no século XVI. Ora irrompem as marcas da transformação e da modernidade periférica, enterrando os modos de vida que já não existem mais.

ulepicc.br@gmail.com